

YAHWEH *versus* MARDUQUE

A Polêmica Teológica em Isaías 40.25-26

Tiago Abdalla T. Neto

INTRODUÇÃO

Diante da derrota de Judá pelos babilônios, com uma boa parte do povo exilado em terra estrangeira e a destruição final de Jerusalém pelas mãos de Nabucodonosor, um questionamento natural, certamente, brotaria no coração dos judeus: “Será que Yahweh é, de fato, o Rei e Deus Soberano da história? Será que Ele teria poder para vencer impérios e trazer seu povo de volta à terra natal?”¹ No pensamento do Oriente Médio Antigo, a vitória de uma nação sobre outra não apenas implicava em supremacia militar, mas também, indicava a superioridade do deus vitorioso sobre a divindade do povo vencido, como os babilônios fizeram questão de enfatizar, quando alcançaram sua independência em relação aos assírios e os derrotaram, no final do século VII a.C:

O estado dos acontecimentos mudou quando Nabopolassar, no final do século VII, uma vez mais, reivindicou o controle independente sobre a Babilônia. Marduque triunfou sobre Ashur. Ele, novamente, é o grande deus, o senhor dos deuses, o supremo rei de Igigi, pai de Annunaki – todos os títulos que os assírios gostavam de amontoar sobre Ashur. Pode-se perceber a ansiedade de Nabopolassar em enfatizar a nova ordem das coisas, ao atribuir a Marduque o que, anteriormente, fora reivindicado para Ashur.²

A riqueza do império babilônico, seus belos templos e festivais pomposos, além do conforto que desfrutava a comunidade judaica de exilados, indubitavelmente, formavam um quadro tentador para a apostasia hebraica.³

Perante tal situação, a mensagem visionária de Isaías (Is 40 - 55) oferecia uma resposta teológica profunda e pertinente ao povo cativo, mostrando Yahweh como o Soberano da história, o Deus supremo e singular.⁴ O texto de Isaías 40.25-26 é um exemplo disto, em que o profeta do século VIII faz uso da polêmica como recurso literário para enfatizar a supremacia de Yahweh sobre os deuses babilônios. Para se entender a polêmica teológico-literária em questão, faz-se necessária uma compreensão adequada do contexto religioso da época.

¹ BRIGHT, John. *História de Israel*. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 425; CALVIN, John. *Commentary on the prophet Isaiah*. Albany, OR: AGES, 1998. v. 2. p. 71.

² JASTROW, Morris. *The religion of Babylonia and Assyria*. Boston, USA: Ginn and Company, 1893. p. 116.

³ BRIGHT, John. *Op cit.* p. 417; RAWLINSON, George. *The seven great monarchies of the ancient eastern world*. [s.l.]: [s.d.]. v. 4. p. 87-88.

⁴ Cf. VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. 2 ed. São Paulo: ASTE, 2006. p. 663-665.

A PERSPECTIVA RELIGIOSA BABILÔNICA

A religião babilônica era politeísta, formada por um panteão com vários deuses de origem suméria, assimilados pelos semitas que ali vieram habitar, especialmente a partir da época do reinado de Hamurabi (século XVIII a.C.).⁵ Os deuses estavam ligados a objetos ou fenômenos da natureza, como os rios, a tempestade, a fertilidade da terra, entre outros, dos quais recebiam proeminência o sol e a lua; assim, o sistema de crenças era, basicamente, animista.⁶ Cada cidade-estado possuía um deus patrono principal e, às vezes, uma divindade primária num determinado centro urbano, poderia ser considerada secundária em outra cidade:⁷

Embora Ea, por instância, recebia o primeiro lugar em Eridu e era marcadamente sumério em caráter, o deus-lua Nannar permaneceu supremo em Ur, enquanto o deus-sol, cujo nome semítico era Shamash, presidiu em Larsa e Sippar.⁸

Entre os deuses babilônicos principais figuravam a tríade *Anu* – o deus-céus; *Enlil/Ellil* – o deus do ar e tempestades, e mais adiante, o deus da terra; *Ea* – o deus das águas profundas e da sabedoria; além deles, *Sin* – o deus-lua; *Shamash* – o deus-sol; *Anshar* – o pai dos céus; *Ishtar* – a deusa do amor e guerra, associada a Vênus; *Marduque* – o deus da cidade de Babilônia e que, posteriormente, absorveu a qualidade dos antigos deuses e os substituiu, era considerado o filho de *Ea*; *Nebo* – anteriormente, o deus da agricultura e, depois, tornou-se o deus da escrita, filho de *Marduque*; *Nergal* – o deus do mundo inferior; *Tamuz* – o deus da vegetação e fertilidade.⁹

A grande corrente de idéias religiosas sofreu mudanças de tempos em tempos e os próprios deuses mudaram de locais, identidade e funções, conforme os movimentos políticos e outros.¹⁰ Com a elevação dos amorreus, a adoração a Marduque se tornou a principal na Babilônia¹¹ e o poema épico de *Enuma Elish* é desenvolvido, a fim de validar a posição de Marduque como o superior de todos os deuses, por sua vitória

⁵ WISEMAN, D.J. “Babilônia, terra de”. In: DOUGLAS, J.D (ed.). *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Junta Editorial Cristã, 1966. v. 1. p. 186-187; RUSSELL, Rusty. *Babylonia*. Bible History Online, 2001. (Programa eletrônico disponível em <http://www.bible-history.com>). Verbetes “Babylonian Gods”, “The Babylonian Pantheon of gods”.

⁶ ROGERS, Robert W. “Babylonia and Assyria, religion of”. In: ORR, James. *The international Standard Bible encyclopedia*. Grand Rapids, Michigan: Eerdans, 1939. (Versão eletrônica).

⁷ MACKENZIE, Donald A. *Myths of Babylonia and Assyria*. September, 2005. Disponível em <http://manybooks.net>. Acessado no Primeiro Semestre de 2009. p. 26.

⁸ *Idem. Ibid.*

⁹ RUSSELL, Rusty. *Op cit.* Verbetes “The Babylonian Pantheon of gods”; ROGERS, Robert W. *Op cit.* (Versão eletrônica); WISEMAN, D.J. *Op cit.* 186-187; RAWLINSON, George. *Op cit.* p. 87.

¹⁰ ROGERS, Robert W. *Op cit.* (Versão eletrônica).

¹¹ WISEMAN, D.J. *Op cit.* 187.

sobre a deusa Titamat e por ser tanto o criador como o restaurador da ordem do universo.¹²

A adoração primitiva animista ao sol, à lua e às estrelas conduziu a um sistema religioso astral mais complexo, o qual ligava os planetas e outras estrelas específicas a deidades particulares.¹³ “Tal processo que alcançou seu ápice no período pós-hamurábico, levou a identificar o planeta Vênus com Ishtar, Júpiter com Marduque, Marte com Nergal, Mercúrio com Nebo”.¹⁴

O sistema representa uma harmoniosa combinação de dois fatores, um de origem popular e o outro resultado da especulação das escolas ligadas aos templos da Babilônia. O fator popular é a crença na influência exercida pelos movimentos dos corpos celestiais sobre os acontecimentos na terra – uma crença, naturalmente, compreensível pela dependência da vida, vegetação e orientação dos dois grandes luminares. A partir de tal crença, os sacerdotes construíram a teoria da correspondência próxima entre as ocorrências na terra e os fenômenos nos céus. Diante da apresentação de uma mudança constante nos céus, ainda que ao observador superficial, concluiu-se que havia uma conexão com às mudanças e os movimentos sempre mutáveis nos destinos de indivíduos, na natureza e na aparência desta.¹⁵

Divindades originalmente solares como *Ninibe* associado ao sol da manhã, *Marduque* conectado ao sol do início da primavera e *Nergal* ao sol do meio-dia e do solstício de verão, passaram a ser identificadas pela posição dos planetas em referência ao sol em certos períodos do dia e do ano. Assim, associara-se *Ninibe* com Saturno, *Nergal* com Marte e *Marduque* com Júpiter.¹⁶ Este último, por parecer ser o maior de todos os planetas aos olhos dos astrônomos babilônicos, acabou por receber a posição de chefe do panteão estelar, antes conferida a *Shamash*, o deus-sol.¹⁷

Da mesma forma que o sol era chamado de Pastor¹⁸ e considerado o supervisor dos planetas, o qual atravessava os céus para verificar se tudo estava em perfeita ordem,¹⁹ assim, também, Marduque é intitulado e estimado.²⁰ Na verdade, acreditava-se que, quando o sol morria no final de tarde, ressuscitava nos céus como Júpiter para

¹² LEICK, Gwendolyn. *A dictionary of Ancient Near Eastern Mythology*. New York, NY: Routledge, 2003. p. 52-55.

¹³ JASTROW, Morris. *Op cit.* p. 229-230.

¹⁴ WIKIPEDIA. *Religions of the Ancient Near East*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Religions_of_the_Ancient_Near_East. Acessado em 19 de Outubro de 2009.

¹⁵ *Idem. Ibid.* Cf. RUSSELL, Rusty. *Op cit.* Verbete “Astrology”.

¹⁶ JASTROW, Morris. *Op cit.* p. 231.

¹⁷ *Idem.* p. 230.

¹⁸ Um título, geralmente, associado aos reis do Oriente Antigo, provindo da vida marcadamente agropastoril que os povos daquela época tinham. Ver JASTROW, Morris. *Op cit.* p. 231.

¹⁹ *Idem.* p. 231.

²⁰ MACKENZIE, Donald A. *Op cit.* p. 126-128.

pastorear o seu rebanho de estrelas.²¹ No épico de *Enuma Elish*, Marduque é apresentado como o criador das estrelas e dos signos do zodíaco, por meio dos quais dividiu o ano em doze meses; além disso, ele fixou a lua nos altos céus e determinou seu ciclo mensal em relação ao sol.²²

Tendo esta compreensão acerca da ênfase animista e astral da religiosidade babilônica, além do importante papel que Marduque ocupava dentro da cosmologia mitológica, abre-se o caminho para a interpretação da polêmica em Isaías 40.25-26.

A POLÊMICA DEUTERO-ISAIÂNICA EM PROL DA SINGULARIDADE E SUPREMACIA DE YHWH

Como bem destacou Thomas Constable, após mostrar a superioridade de Yahweh sobre os governantes terrenos, contrastando a transcendência de Deus com a temporariedade deles (Is 40.21-24), agora, o profeta retrata a supremacia de Yahweh sobre as “divindades”, por ser o Criador dos corpos celestiais (40.25-26).²³

Os verbos hebraicos usados pelo próprio Deus, em seu questionamento (v. 25), polemizam contra os deuses babilônios, pois enquanto estes eram representados por imagens em seus templos²⁴ e associados com os fenômenos da natureza ou com os corpos celestiais, como sol, lua, estrelas e planetas,²⁵ o Deus de Israel não poderia ser representado ou imaginado (*dāmâ* - Piel) nem comparado a nada (*šāwâ*).

Marduque, o grande deus de Babilônia, encontrava sua identidade no planeta Júpiter,²⁶ e era representado pela figura mitológica de um ser com longos membros e quatro cabeças,²⁷ mas, Yahweh, por ser o Santo, não pode ser igualado a nenhum ser criado, “Ele é totalmente outro”.²⁸

A perspectiva dos deuses babilônios era marcadamente antropomórfica, pois havia a crença de que eles comiam e bebiam as ofertas de seus adoradores e, geralmente, era aceito que mantinham relações sexuais com as sacerdotisas dos

²¹ *Idem.* p. 128.

²² LEICK, Gwendolyn. *Op cit.* p. 54.

²³ CONSTABLE, Robert L. *Notes on Isaiah*. Disponível em www.soniclight.com. Acessado em Junho de 2008. p. 158.

²⁴ RAWLINSON, George. *Op cit.* p. 88.

²⁵ WIKPEDIA. *Religions of the Ancient Near East.*; JASTROW, Morris. *Op cit.* p. 230-231.

²⁶ WIKPEDIA. *Religions of the Ancient Near East.*

²⁷ LEICK, Gwendolyn. *Op cit.* p. 53.

²⁸ CONSTABLE, Robert L. *Op cit.* p.158.

templos.²⁹ Tal visão é, ainda, realçada pelos barcos encontrados nos templos, dentro dos quais os deuses eram carregados durante as procissões.³⁰ Em contraste claro, Yahweh é totalmente distinto e superior a estes deuses, pois é o Santo (v. 25), o transcendente, aquele que está acima de sua criação (cf. 40.22).³¹

O verso 26 ressalta a polêmica contra Marduque e contra a pretensa reivindicação de sua superioridade por parte de seus adoradores. Como já destacado, no mito de *Enuma Elish*, Marduque é o criador das estrelas e aquele que fixa os signos do Zodíaco.³² Deve ser acrescentado, também, que o grande deus babilônio cria os céus a partir de matéria pré-existente, isto é, o corpo da deusa derrotada Tiamat.³³

Dentro de tal contexto cúlrico, Isaías desafia as afirmações religiosas dos caldeus e diz que Yahweh é o criador (*bārā'*) dos corpos celestiais (*šābā'*), não Marduque. Além disso, o verbo hebraico *bārā'* (“criar”; “fazer”), no grau Qal, enfatiza o ato de iniciar algo novo, trazer à existência um objeto ou ser que até então não havia, em contraste com o ato de formar algo a partir de material pré-existente.³⁴ Portanto, o poder do Deus de Jacó, que criou os céus e os astros a partir do nada por Sua palavra criadora (cf. Gn 1), é claramente maior que o de Marduque que precisou usar o corpo de Tiamat para criar os céus, dentro da cosmologia mitológica.

Yahweh, ainda, mantém, soberanamente e com poder, a ordem do universo, de modo que nenhuma das inumeráveis estrelas deixa de se submeter ao seu comando (*mērōḇ 'ōnīm w^e'ammîš kōaḥ 'îš lō' ne'dār*). Todos os corpos celestiais (representantes das divindades babilônicas), inclusive o próprio planeta Júpiter (representante de Marduque), estavam debaixo da autoridade e controle do Deus de Israel.³⁵ Enquanto os babilônios adoravam aos corpos celestiais e criam que os destinos dos homens eram determinados por seus movimentos fixos,³⁶ Israel adorava ao Deus

²⁹ RAWLINSON, George. *Op cit.* p. 88; JASTROW, Morris. *Op cit.* p. 332-333.

³⁰ JASTROW, Morris. *Op cit.* p. 330-331.

³¹ RIDDERBOS, J. *Isaías: introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 325.

³² MACKENZIE, Donald A. *Op cit.* p. 130; LEICK, Gwendolyn. *Op cit.* p. 54.

³³ LEICK, Gwendolyn. *Op cit.* p. 54.

³⁴ MCCOMISKEY, Thomas E. “*bārā'*”. In: HARRIS, Laird R., ARCHER, Gleason L, Jr., WALTKE, Bruce K (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 212-213.

³⁵ GOLDINGAY, John. *Isaiah*. New International Biblical Commentary Series. Peabody, MA: Hendrickson, 2001. p. 227-228; CALVIN, John. *Op cit.* p. 72-73.

³⁶ RUSSELL, Rusty. *Op cit.* Verbete “Astrology”.

que determinava o movimento dos astros (v. 26) e nEle poderiam confiar o seu futuro (40.27-31).

Na polêmica contra os deuses babilônicos, Isaías faz seu dever de casa, inspirado por Deus e de modo objetivo, demonstrando a grande tolice de abandonar o Santo de Israel pelos deuses babilônios:

Teologicamente, os babilônios criam em seres de grande poder nos céus ... Mas o que são estes planetas? Eles são subalternos dirigidos por Yahweh e nenhum deles ousa chegar atrasado na parada militar (v. 26b). Imagine quão divertido o pensamento de que Yahweh poderia ser o mesmo tipo de ser. Comparados com Yahweh os deuses babilônios são insignificantes.³⁷

³⁷ GOLDINGAY, John. *Op cit.* p. 227-228.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BRIGHT, John. *História de Israel*. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- CALVIN, John. *Commentary on the prophet Isaiah*. Albany, OR: AGES, 1998. v. 2.
- CONSTABLE, Robert L. *Notes on Isaiah*. Disponível em www.soniclight.com. Acessado em Junho de 2008.
- DOUGLAS, J.D (ed.). *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Junta Editorial Cristã, 1966. v. 1.
- GOLDINGAY, John. *Isaiah*. New International Biblical Commentary Series. Peabody, MA: Hendrickson, 2001.
- HARRIS, Laird R., ARCHER, Gleason L, Jr., WALTKE, Bruce K (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- JASTROW, Morris. *The religion of Babylonia and Assyria*. Boston, USA: Ginn and Company, 1893.
- LEICK, Gwendolyn. *A dictionary of Ancient Near Eastern Mythology*. New York, NY: Routledge, 2003.
- MACKENZIE, Donald A. *Myths of Babylonia and Assyria*. September, 2005. Disponível em <http://manybooks.net>. Acessado no Primeiro Semestre de 2009.
- MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- ORR, James. *The international Standard Bible encyclopedia*. Grand Rapids, Michigan: Eerdans, 1939. (Versão eletrônica).
- RAWLINSON, George. *The seven great monarchies of the ancient eastern world*. [s.l.]: [s.d]. v. 4.
- RIDDERBOS, J. *Isaías: introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- RUSSELL, Rusty. *Babylonia*. Bible History Online, 2001. (Programa eletrônico disponível em <http://www.bible-history.com>).
- VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. 2 ed. São Paulo: ASTE, 2006.
- WIKPEDIA. *Religions of the Ancient Near East*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Religions_of_the_Ancient_Near_East. Acessado em 19 de Outubro de 2009.